

Anticoncepcionais exigem cuidados

Pesquisa aponta pela primeira vez associação do uso de pílulas hormonais com câncer de mama

Leticia Guimarães

DA AGENCIA ANHANGUERA
leticia.guimaraes@rac.com.br

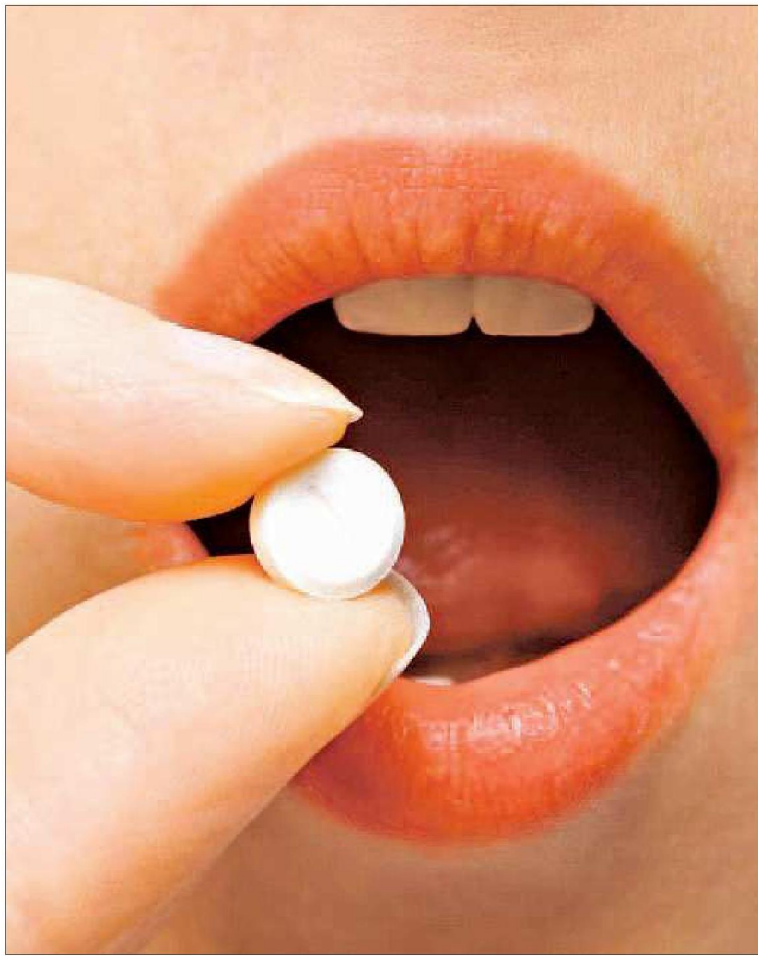
Pela primeira vez um estudo científico conseguiu apontar a associação de anticoncepcionais hormonais com o câncer de mama. A pesquisa, realizada na Dinamarca e publicada em dezembro, aponta que o uso dos contraceptivos que contêm hormônios, incluindo o DIU de progesterona, aumentam 1,3 casos de câncer de mama em cada 10 mil mulheres por ano. Entretanto, para o médico oncologista e membro do Sasse Oncologia e Hematologia (Grupo SOnHe), Adolfo Scherr, não há motivo para pânico, mas é preciso atenção para as mulheres que já possuem outros fatores de risco, associados ao uso dos medicamentos.

Médico diz que não se deve interromper o uso sem avaliação

Ao todo, foram analisados durante dez anos dados de 1,8 milhão de mulheres dinamarquesas entre 15 e 49 anos, com exceção das que já tiveram de câncer, que passaram por tratamento para infertilidade ou com histórico de trombose. O estudo também não levou em conta outros fatores de risco relacionados ao desenvolvimento dos tumores mamários, como a obesidade, sedentarismo e consumo de álcool.

Após dez anos de análise de dados, foram diagnosticados cerca de 11,5 mil casos de tumor, e a prevalência da doença em quem já havia apostado nesses contraceptivos foi 19% maior do que em quem não utilizava os remédios: em cada 100 mil mulheres, foram 68 diagnósticos naquelas que utilizavam os métodos hormonais contra 55 nas que não tomavam anticoncepcional nem tinham DIU de progesterona.

De acordo com Scherr, isso acendeu um sinal de alerta, principalmente para as mulheres que já usam esses métodos há muito tempo. "A associação entre uso de anticoncepcionais hormonais e câncer de mama vem sendo estudada há



Risco mais elevado é para mulheres acima de 35 anos e que usam anticoncepcionais há mais de dez anos

tempos, já que quando a pílula anticoncepcional surgiu, na década de 1960, as dosagens eram muito altas. Porém até o momento, nenhuma forte evidência científica tinha sido capaz de provar que o uso prolongado dos contraceptivos hormonais aumentava a incidência de câncer de mama, fazendo com que este assunto fosse considerado um dos mitos sobre o que causa o câncer".

Ele aponta que o risco mais elevado é para mulheres acima de 35 anos e que usam os contraceptivos hormonais há mais de dez anos. Já para as mais jovens, que representam a maioria de usuárias dos medicamentos, o risco foi menor, de 0,2 casos em cada 10 mil mulheres.

Apesar da pesquisa provar a associação entre anticoncepcionais e os tumores mamários, o médico afirma que é preciso cautela e desaconselha que as mulheres cortem abruptamente os métodos hormonais. "Na conclusão do estudo fica claro que não se deve suspender o uso sem antes comunicar o médico. Há mulheres que utilizam os contraceptivos hormonais para tratamento de outras condições, como endometriose ou síndrome

1,8 MILHÃO

De mulheres dinamarquesas entre 15 e 49 anos foram avaliadas durante 10 anos

dos ovários policísticos, por exemplo. Entretanto, há um grupo de mulheres que já lutaram contra câncer de mama ou parentes de primeiro grau que já tiveram, ou ainda mulheres que trataram muito tempo hormonal para engravidar. Essas podem procurar o médico para consultar sobre os riscos e, se necessário mudar o contraceptivo".

Para as mulheres que usaram os métodos hormonais por menos de cinco anos, não houve aumento de risco, de acordo com Scherr. Aquelas que interromperam o uso durante a pesquisa tiveram risco descartado. "Isso nos permite concluir que o uso desse medicamento não está associado na gênese propriamente dita do câncer de mama, ou seja, no agravo genético que dá origem ao câncer", diz.

Apesar de o estudo apontar a associação entre os hormô-

nios e o câncer de mama, Scherr afirma que são necessários mais estudos com maior abrangência e metodologias diversas para comprovar a ligação entre os fatores. "Eles estudaram apenas mulheres dinamarquesas. Não sabemos se há uma genética diferenciada nelas, então seria bom um novo estudo com uma amostragem mais diversa", explica.

Medicamentos liberados no SUS aumentam sobrevida

O ano de 2018 promete mais otimismo para as mulheres que lutam contra o câncer de mama por meio de tratamento no Sistema Único de Saúde (SUS). Isso porque dois medicamentos utilizados no tratamento em primeira linha que podem aumentar a sobrevida das pacientes foram liberados para a utilização nos tratamentos públicos pelo Ministério da Saúde: o trastuzumabe, que será oferecido a partir de fevereiro, e o pertuzumabe, em junho. A utilização no SUS do trastuzumabe já havia sido liberada em agosto do ano passado, e em dezembro de 2017, foi publicada no Diário Oficial da União a incorporação do pertuzumabe. Os medicamentos já eram utilizados na rede privada de saúde desde 1999 e 2015, respectivamente. A Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC) havia encomendado em 2016 o estudo sobre a aplicação dos dois medicamentos associados no SUS aos especialistas do Sasse Oncologia e Hematologia (Grupo SOnHe), em Campinas. A pesquisa foi apresentada à Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (Conitec), em Brasília, que abriu uma consulta pública para avaliar a incorporação dos fármacos ao sistema. De acordo com o SOnHe, o medicamento que passará a estar disponível em fevereiro pode aumentar

em, pelo menos 30% o tempo de vida das pacientes. O pertuzumabe, segundo a SBOC, pode acrescentar 15,7 meses às mulheres que batalham contra o tumor. "Essa incorporação amplia o alcance da decisão do governo de incorporar o trastuzumabe, pois a associação com o pertuzumabe mais quimioterapia é o tratamento adequado para as pacientes com câncer de mama HER2-positivo", diz o Dr. Sérgio Simon, presidente da SBOC. Os responsáveis pelo estudo feito em Campinas são o oncologista André Deeke Sasse, que é professor de pós-graduação da Unicamp e membro do Grupo SOnHe, a enfermeira Adriana Camargo de Carvalho e a oncologista Vivian Castro Antunes de Vasconcelos. "O estudo foi encomendado pela a Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica com a intenção de demonstrar claramente as evidências de benefício da incorporação da medicação, além dos impactos econômicos para a sociedade brasileira. Foi um desafio prontamente aceito. Uma satisfação poder participar de alguns passos para melhorar a saúde pública do Brasil. Temos ainda muitas outras prioridades não atendidas, doenças em que os tratamentos não são disponibilizados pelo SUS e que precisamos tornar viáveis", afirmou Sasse. (AAN)

"Eles estudaram apenas mulheres dinamarquesas. Não sabemos se há uma genética diferenciada nelas ..."

ADOLFO SCHERR
Médico oncologista